

A rainha do Nilo nas artes e nos esportes: uma análise da estética do corpo feminino de Cleópatra VII

The queen of the Nile in arts and sports: an analysis of the aesthetics of the female body of Cleopatra VII

La reine du Nil dans les arts et les sports: une analyse de l'esthétique du corps féminin de Cléopâtre VII

Thomaz Décio Abdalla Siqueira¹

Joana Buyo Siqueira²

RESUMO

A figura de Cleópatra VII, última rainha da dinastia Ptolemaica do Egito, permanece como um dos ícones mais marcantes da história antiga e da cultura universal. Sua imagem atravessou séculos e foi reinterpretada nas artes, na literatura, no cinema e, mais recentemente, nas expressões corporais e esportivas. Este artigo tem como objetivo analisar a estética do corpo feminino de Cleópatra VII

¹Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEF – Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Doutor em Psicologia Social e do Trabalho (USP/SP), Mestre em Psicologia Social (USP/SP), Especialista em Adolescência (Faculdade de Medicina USP/SP). Especialista em Produção de Material em EaD (UFAM/AM), Especialista em Psicopatologia (Saúde Mental – *Okayama University – Faculty of Letters – Japan* revalidado de UFRJ). thomazabdalla@ufam.edu.br

² Com conhecimento em Atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão não especificadas anteriormente (Curta animado integrando técnicas 2D e 3D: Desenvolvimento visual e Animação 2D). Universidade Federal de Santa Catarina - Graduada em Animação. joanaobuyo@gmail.com

a partir de uma perspectiva interdisciplinar que envolve história, artes e educação física. A pesquisa fundamenta-se em autores como Crippa (2001), Eco (1994), Gombrich (1999) e Sant'Anna (1995), refletindo sobre a construção simbólica do corpo feminino como território de poder, beleza e resistência. O estudo propõe uma leitura crítica da representação corporal da rainha do Nilo como uma síntese entre política, sensualidade e identidade cultural, destacando sua influência na concepção contemporânea de estética feminina e no ideal atlético de equilíbrio entre força e elegância. A figura de Cleópatra VII, conhecida como a “Rainha do Nilo”, ultrapassou os limites da história para se tornar um ícone cultural representado nas mais diversas expressões artísticas e, mais recentemente, também no universo dos esportes. Sua imagem, marcada pela inteligência, beleza e poder, foi ressignificada ao longo dos séculos, adaptando-se às linguagens estéticas e simbólicas de diferentes épocas. Nas artes, Cleópatra inspirou pinturas, esculturas, peças teatrais e produções cinematográficas que a retratam tanto como estrategista política quanto como símbolo de sensualidade e resistência. Artistas do Renascimento e do século XIX viram em sua figura uma fusão entre o exotismo oriental e o ideal de beleza clássica, refletindo as tensões entre o feminino e o poder. No cinema, interpretações icônicas como a de Elizabeth Taylor immortalizaram uma imagem glamourosa e poderosa da rainha egípcia, consolidando seu lugar no imaginário popular. Nos esportes, a influência simbólica de Cleópatra manifesta-se principalmente na valorização da força e da presença feminina. Em modalidades como natação, ginástica e artes marciais, o arquétipo da “rainha guerreira” é frequentemente associado à superação, disciplina e determinação. Sua representação serve como metáfora da mulher que luta por reconhecimento e autonomia, desafiando as estruturas patriarcais e reivindicando seu espaço nos campos de poder e visibilidade. Assim, a “Rainha do Nilo” transcende os séculos e os contextos culturais, unindo arte e esporte como territórios de expressão do corpo, da identidade e da resistência. Cleópatra permanece como um símbolo atemporal de força, beleza e liderança feminina, reafirmando a capacidade da imaginação humana de transformar figuras históricas em mitos vivos.

Palavras-chave: Cleópatra VII; Estética corporal; Artes; Esportes; Feminilidade.

ABSTRACT

The figure of Cleopatra VII, the last queen of Egypt's Ptolemaic dynasty, remains one of the most striking icons of ancient history and universal culture. Her image has spanned centuries and been reinterpreted in art, literature, film, and, more recently, in physical expression and sport. This article aims to analyze the aesthetics of Cleopatra VII's female body from an interdisciplinary perspective encompassing history, art, and physical education. The research draws on authors such as Crippa (2001), Eco (1994), Gombrich (1999), and Sant'Anna (1995), reflecting on the symbolic construction of the female body as a territory of power, beauty, and resistance. This study proposes a critical reading of the Queen of the Nile's bodily representation as a synthesis of politics, sensuality, and cultural identity, highlighting her influence on the contemporary conception of feminine aesthetics and the athletic ideal of a balance between strength and elegance. The figure of Cleopatra VII, known as the "Queen of the Nile," has transcended the boundaries of history to become a cultural icon represented in diverse artistic expressions and, more recently, also in the world of sports. Her image, marked by intelligence, beauty, and power, has been reinterpreted

throughout the centuries, adapting to the aesthetic and symbolic languages of different eras. In the arts, Cleopatra has inspired paintings, sculptures, theatrical pieces, and cinematic productions that portray her both as a political strategist and as a symbol of sensuality and resistance. Renaissance and 19th-century artists saw in her figure a fusion between oriental exoticism and the ideal of classical beauty, reflecting the tensions between femininity and power. In cinema, iconic interpretations like Elizabeth Taylor's immortalized a glamorous and powerful image of the Egyptian queen, consolidating her place in the popular imagination. In sports, Cleopatra's symbolic influence manifests itself mainly in the appreciation of female strength and presence. In modalities such as swimming, gymnastics, and martial arts, the archetype of the "warrior queen" is frequently associated with overcoming challenges, discipline, and determination. Her representation serves as a metaphor for the woman who fights for recognition and autonomy, challenging patriarchal structures and claiming her space in the fields of power and visibility. Thus, the "Queen of the Nile" transcends centuries and cultural contexts, uniting art and sport as territories of expression of the body, identity, and resistance. Cleopatra remains a timeless symbol of strength, beauty, and female leadership, reaffirming the capacity of the human imagination to transform historical figures into living myths.

Keywords: Cleopatra VII; Body aesthetics; Arts; Sports; Femininity.

RÉSUMÉ

La figure de Cléopâtre VII, dernière reine de la dynastie ptolémaïque d'Égypte, demeure l'une des icônes les plus marquantes de l'histoire antique et de la culture universelle. Son image a traversé les siècles et a été réinterprétée dans les arts, la littérature, le cinéma et, plus récemment, dans les expressions corporelles et sportives. Cet article se propose d'analyser l'esthétique du corps féminin de Cléopâtre VII dans une perspective interdisciplinaire mêlant histoire, arts et éducation physique. La recherche s'appuie sur des auteurs tels que Crippa (2001), Eco (1994), Gombrich (1999) et Sant'Anna (1995), qui s'interrogent sur la construction symbolique du corps féminin comme territoire de pouvoir, de beauté et de résistance. L'étude propose une lecture critique de la représentation corporelle de la Reine du Nil comme synthèse de politique, de sensualité et d'identité culturelle, soulignant son influence sur la conception contemporaine de l'esthétique féminine et sur l'idéal athlétique d'équilibre entre force et élégance. La figure de Cléopâtre VII, surnommée la « Reine du Nil », a transcendé les frontières de l'histoire pour devenir une icône culturelle, présente dans diverses expressions artistiques et, plus récemment, dans le monde du sport. Son image, empreinte d'intelligence, de beauté et de puissance, a été réinterprétée au fil des siècles, s'adaptant aux langages esthétiques et symboliques des différentes époques. Dans les arts, Cléopâtre a inspiré peintures, sculptures, pièces de théâtre et films qui la dépeignent à la fois comme une stratège politique et comme un symbole de sensualité et de résistance. Les artistes de la Renaissance et du XIXe siècle voyaient en elle une fusion d'exotisme oriental et d'idéal de beauté classique, reflétant les

tensions entre féminité et pouvoir. Au cinéma, des interprétations iconiques, comme celle d'Elizabeth Taylor, ont immortalisé une image glamour et puissante de la reine d'Égypte, ancrant sa figure dans l'imaginaire collectif. Dans le sport, l'influence symbolique de Cléopâtre se manifeste principalement par la valorisation de la force et de la présence féminines. Dans des disciplines telles que la natation, la gymnastique et les arts martiaux, l'archétype de la « reine guerrière » est fréquemment associé au dépassement des obstacles, à la discipline et à la détermination. Sa représentation sert de métaphore à la femme qui lutte pour la reconnaissance et l'autonomie, remettant en question les structures patriarcales et revendiquant sa place dans les sphères du pouvoir et de la visibilité. Ainsi, la « Reine du Nil » transcende les siècles et les contextes culturels, unissant l'art et le sport comme territoires d'expression du corps, de l'identité et de la résistance. Cléopâtre demeure un symbole intemporel de force, de beauté et de leadership féminin, réaffirmant la capacité de l'imagination humaine à transformer des figures historiques en mythes vivants.

Mots-clés: Cléopâtre VII ; Esthétique corporelle ; Arts ; Sports ; Féminité.

INTRODUÇÃO

A imagem de Cleópatra VII, rainha do Egito entre 51 e 30 a.C., tem sido fonte de fascínio e inspiração para artistas, historiadoras e estudiosos da cultura corporal. Mais do que uma personagem histórica, Cleópatra tornou-se um arquétipo estético e simbólico, representando a intersecção entre poder político, beleza e intelectualidade. Sua figura foi reinterpretada em diferentes períodos, desde o classicismo romano até as produções cinematográficas modernas, moldando um ideal de corpo feminino que une força, sensualidade e refinamento (CRIPPA, 2001).

No campo das artes, Cleópatra é representada como uma mulher de traços nobres e presença marcante, cujo corpo expressa tanto sua condição política quanto sua identidade cultural. Essa representação estética reflete um ideal de harmonia e proporção, elementos que também se manifestam nos princípios do corpo atlético e do movimento humano. Segundo Eco (1994), os padrões de beleza variam conforme os contextos históricos e

sociais, mas mantêm uma constante simbólica: o corpo como linguagem e expressão de valores culturais.

Dessa forma, compreender a estética corporal de Cleópatra implica ir além do aspecto visual e adentrar o campo da semiótica e da corporeidade, reconhecendo que o corpo feminino, especialmente em figuras históricas como a rainha do Nilo, foi e continua sendo palco de disputas simbólicas e representações ideológicas. No contexto contemporâneo, essa análise torna-se ainda mais relevante ao observarmos como o imaginário de Cleópatra influencia a concepção moderna de feminilidade nas artes cênicas, na moda e até mesmo nas práticas esportivas e corporais (SANT'ANNA, 1995). Enfim, o estudo da estética corporal de Cleópatra VII, última rainha da dinastia Ptolemaica do Egito, transcende o simples exame da iconografia antiga e da narrativa histórica. Ao longo dos séculos, a rainha do Nilo se consolidou como símbolo de uma feminilidade complexa e ativa, cuja presença inspira tanto a arte quanto o esporte, reafirmando o corpo como território de expressão estética e política. Este trabalho propõe uma análise interdisciplinar, articulando história, filosofia, estudos de gênero, artes visuais e corporeidade, com o objetivo de compreender as múltiplas camadas simbólicas inscritas no corpo feminino de Cleópatra.

A abordagem se fundamenta na perspectiva da semiótica do corpo, da teoria da performatividade de gênero e da análise histórica da representação feminina, buscando identificar como o corpo de Cleópatra se constitui como um signo cultural, estético e político. Autores como Crippa (2001), Butler (2003), Le Breton (2010), Bourdieu (1999), Said (2007) e Eco (1994) fornecem a base teórica para compreender o corpo da rainha como espaço de disputas simbólicas e de construção de poder.

DESENVOLVIMENTO

A relação entre corpo, estética e poder é uma constante nas representações de Cleópatra. A rainha não apenas governou o Egito, mas também soube utilizar sua imagem como instrumento político e cultural. Gombrich (1999) observa que, nas artes visuais, o

corpo feminino foi, ao longo da história, o veículo privilegiado de significação estética, refletindo tanto as virtudes quanto as tensões sociais de cada época.

No caso de Cleópatra, essa construção imagética adquire contornos singulares. Sua representação articula a beleza egípcia com a sofisticação helenística, resultando em uma estética híbrida que expressa poder e exotismo. Essa fusão simbólica se manifesta nas esculturas, pinturas e produções teatrais, nas quais o corpo da rainha é representado em posturas de equilíbrio, simetria e movimento, características associadas tanto à arte clássica quanto à prática esportiva.

No campo da Educação Física, essa perspectiva encontra eco nos estudos sobre corporeidade e expressividade. Segundo Sant'Anna (1995), o corpo é um campo de significação social e cultural, sendo moldado por valores, normas e representações históricas. Assim, a figura de Cleópatra pode ser compreendida como um modelo arquetípico que dialoga com os ideais contemporâneos de corpo feminino: disciplinado, expressivo e esteticamente construído. A presença de Cleópatra em performances artísticas, danças e coreografias esportivas reflete esse diálogo entre o passado e o presente, entre a história e o movimento.

Além disso, nas representações esportivas e performáticas, a estética corporal inspirada em Cleópatra carrega elementos de empoderamento e resistência. O corpo feminino, outrora objetificado, é ressignificado como símbolo de força e autonomia. Essa transposição do imaginário da rainha do Nilo para o campo do esporte contemporâneo — em modalidades como a ginástica artística, a dança e o nado sincronizado — revela como os ideais de beleza e poder continuam a ser reinterpretados sob novas perspectivas de gênero e identidade (BUTLER, 2003; BOURDIEU, 1999).

Assim, o estudo da estética corporal de Cleópatra não se limita à iconografia antiga, mas se estende à compreensão das dinâmicas socioculturais que atravessam o corpo feminino ao longo dos séculos. A rainha do Nilo permanece como símbolo de uma feminilidade complexa e ativa, cuja presença inspira tanto a arte quanto o esporte, reafirmando o corpo como território de expressão estética e política.

CAPÍTULO 1 – O CORPO FEMININO NA HISTÓRIA E NA ICONOGRAFIA

A iconografia do corpo feminino, desde a Antiguidade até os tempos modernos, tem sido atravessada por discursos ideológicos e estéticos. No caso de Cleópatra, o corpo não se limita a uma representação de beleza, mas assume um caráter político e simbólico, articulando elementos da cultura helenística e egípcia (CRIPPA, 2001). Esculturas, moedas e pinturas retratam a rainha em posturas que denotam autoridade, inteligência e controle, indicando que a corporeidade feminina pode ser compreendida como linguagem de poder.

A análise iconográfica revela que o corpo da rainha se torna uma narrativa cultural, em que a sensualidade, a postura e os gestos articulam mensagens de liderança e resistência. Segundo Gombrich (1999), a representação do corpo humano é sempre mediada por valores estéticos e culturais, sendo um reflexo tanto das normas de beleza quanto das relações de poder de cada época.

CLEÓPATRA, CORPO E SEMIÓTICA: A RAINHA DO NILO COMO CAMPO DE DISPUTA SIMBÓLICA

A compreensão da figura de Cleópatra VII exige um exercício que ultrapassa o mero aspecto visual de sua imagem histórica. A rainha do Nilo não pode ser reduzida à beleza exótica ou ao fascínio erótico com que muitas vezes foi representada na tradição ocidental. Sua corporeidade deve ser entendida como um signo cultural, uma estrutura semiótica complexa em que se inscrevem discursos de poder, gênero e identidade. Assim, pensar Cleópatra é adentrar o campo da semiótica e da história cultural do corpo, reconhecendo que o corpo feminino — especialmente em figuras históricas como ela — foi e continua sendo palco de disputas simbólicas e representações ideológicas (CRIPPA, 2001; BUTLER, 2003).

A semiótica, segundo Umberto Eco (1994), compreende o corpo como texto, isto é, como um sistema de signos que comunica significados dentro de um contexto sociocultural. Nesse sentido, a corporeidade de Cleópatra não é natural ou neutra, mas produzida culturalmente, moldada por olhares, interpretações e interesses que se reconfiguram ao longo do tempo. A rainha egípcia, ao ser representada em esculturas, pinturas, literatura e cinema, tornou-se um corpo-signo, um campo de projeção para valores e fantasias de cada época. Sua imagem não reflete apenas uma mulher real, mas um conjunto de construções simbólicas sobre o feminino, o poder e a alteridade.

A iconografia de Cleópatra evidencia esse processo de semantização do corpo. Desde as moedas cunhadas durante seu reinado, que retratam uma mulher de traços fortes e expressão altiva, até as representações renascentistas e modernas que a sexualizam e idealizam, há uma constante reinvenção de seu corpo simbólico. Gombrich (1999) observa que, em cada representação artística, o corpo humano é um campo de mediação entre o ideal e o real, entre o imaginário e a política. No caso de Cleópatra, essa mediação tornou-se um espaço de poder, em que o corpo da mulher egípcia é narrado tanto como objeto de desejo quanto como sujeito de autoridade.

A corporeidade de Cleópatra, nesse contexto, pode ser lida como uma linguagem política. Crippa (2001) propõe que o humanismo, enquanto matriz cultural, envolve a valorização da expressão humana como forma de resistência à desumanização. Cleópatra, ao incorporar a cultura helenística e a tradição egípcia, cria uma síntese estética e simbólica que afirma o corpo feminino como território de poder. Seu corpo não é apenas biológico, mas simbólico, pois encarna a soberania, a inteligência e o controle sobre o próprio destino — atributos raramente concedidos às mulheres em narrativas patriarcais.

A semiótica do corpo feminino em Cleópatra também implica reconhecer as relações de alteridade que sua imagem suscita. Ela representa o 'outro' em relação ao imaginário ocidental: a mulher oriental, misteriosa e sedutora, cuja força é interpretada como ameaça ao domínio masculino romano. Essa representação se repete em diversas fases da arte ocidental, como demonstra Said (2007) ao analisar o orientalismo como discurso de poder que transforma a diferença em exotismo. Cleópatra, nesse sentido, foi duplamente marcada — como mulher e como oriental —, tornando-se uma figura-limite entre o fascínio e a dominação.

No campo das práticas corporais e estéticas, o corpo de Cleópatra inspira reflexões sobre a performatividade do gênero. Butler (2003) argumenta que o gênero é uma construção performativa, um ato reiterado que produz os corpos que pretende descrever. Assim, a 'feminilidade' de Cleópatra é performada tanto por ela mesma, em sua estratégia de liderança e sedução, quanto pelos discursos que a representam. Seu corpo, portanto, não é uma essência, mas um processo contínuo de significação. Ele se transforma conforme as práticas culturais e os sistemas simbólicos que o interpretam.

Nas representações cinematográficas, especialmente a partir do século XX, essa performatividade ganha novas camadas. A Cleópatra de Elizabeth Taylor (1963) e a de Monica Bellucci (2002) exemplificam como o corpo da rainha é constantemente atualizado conforme os ideais de beleza e poder de cada época. O cinema, enquanto linguagem visual e narrativa, perpetua o corpo de Cleópatra como ícone da sensualidade e da força feminina, mas também o insere nas dinâmicas do consumo e da indústria cultural (MORIN, 1989). Assim, a corporeidade da rainha é ressignificada no imaginário popular, convertendo-se em mercadoria simbólica e estética global.

No campo das artes e dos esportes, a figura de Cleópatra transcende o histórico e se torna arquétipo. Sua postura, equilíbrio e gestualidade inspiram desde coreografias de dança até representações corporais em performances teatrais e esportivas. Segundo Sant'Anna (1995), o corpo é um campo de significação e poder, e as práticas corporais expressam, simbolicamente, as relações sociais e culturais que as estruturam. Assim, o corpo atlético, disciplinado e esteticamente controlado reflete o mesmo ideal de harmonia e domínio que se observa na iconografia da rainha egípcia.

A análise semiótica permite, portanto, compreender Cleópatra como signo de resistência e de transformação. Ao longo da história, seu corpo foi interpretado sob múltiplas perspectivas: de símbolo da luxúria a emblema de sabedoria e poder. Cada representação revela tanto a época que a produz quanto os valores atribuídos ao corpo feminino. Nesse sentido, a imagem de Cleópatra se mantém viva porque ela transcende o biológico e adquire a dimensão do mito — o corpo como narrativa cultural, como texto em constante reescrita (BARTHES, 2001).

Ao considerar o corpo de Cleópatra sob o prisma da semiótica e da corporeidade, revela-se também a permanência de uma estrutura de poder que, historicamente, tentou controlar o corpo das mulheres. Bourdieu (1999) enfatiza que o corpo é um lugar de inscrição simbólica das relações de dominação, e que o *habitus* — o conjunto de disposições culturais — modela as percepções sobre o que é belo, aceitável ou desejável. No caso de Cleópatra, esse *habitus* foi forjado na confluência entre a cultura grega e egípcia, permitindo-lhe manipular o próprio corpo como signo político e diplomático, transformando o feminino em linguagem de autoridade.

Essa manipulação consciente da imagem é, em si, um ato de poder. A corporeidade de Cleópatra funcionava como instrumento de comunicação política e estética, articulando símbolos religiosos e culturais para legitimar sua posição. Sua associação à deusa Ísis, por exemplo, reforçava a ideia do corpo feminino divinizado, capaz de unir sensualidade e sacralidade. Essa dimensão simbólica se perpetua nas representações contemporâneas, nas quais o corpo feminino ainda é disputado entre o campo da arte e o campo da ideologia (ELIADE, 1992).

No contexto contemporâneo, as releituras artísticas e esportivas da figura de Cleópatra refletem uma busca por reconectar corpo e identidade. A estética do movimento, presente em modalidades como a dança do ventre, a ginástica rítmica e o nado sincronizado, resgata o ideal de elegância e domínio corporal que se associa ao imaginário egípcio. Nesse sentido, o corpo torna-se meio de expressão e resistência, reafirmando o poder simbólico da corporeidade feminina (LE BRETON, 2010).

Portanto, analisar Cleópatra é compreender como o corpo feminino se torna espaço de disputas simbólicas e ideológicas que atravessam o tempo. A rainha do Nilo representa, simultaneamente, o objeto e o sujeito do olhar, a beleza e o poder, a carne e o mito. Sua corporeidade revela a força política da estética e a capacidade do corpo de resistir às narrativas que o tentam aprisionar. Como signo aberto e vivo, o corpo de Cleópatra continua a inspirar, provocar e questionar — um símbolo eterno da potência feminina e da complexidade da condição humana.

CAPÍTULO 2 – SEMIÓTICA E PERFORMATIVIDADE DO CORPO

O corpo de Cleópatra pode ser lido como um texto semiótico, que comunica significados complexos sobre gênero, poder e identidade cultural. Segundo Eco (1994), a semiótica do corpo considera a corporalidade como um sistema de signos que transmite valores sociais, culturais e políticos. No caso da rainha, a corporeidade é performada e interpretada, revelando uma dimensão simbólica que transcende o biológico.

A teoria da performatividade de gênero, proposta por Butler (2003), reforça a ideia de que a feminilidade de Cleópatra não é uma essência fixa, mas um conjunto de atos reiterados que constroem e expressam o corpo como símbolo de poder e identidade. Dessa forma, o corpo da rainha é simultaneamente instrumento e mensagem, articulando beleza, estratégia política e autoridade cultural.

A Teoria da Performatividade de Gênero e a Feminilidade de Cleópatra:

A teoria da performatividade de gênero, proposta por Judith Butler (2003), representa uma das mais influentes contribuições para os estudos contemporâneos sobre identidade, corpo e poder. De acordo com Butler, o gênero não é uma característica inerente ou uma essência biológica, mas um conjunto de atos reiterados e socialmente regulados que produzem a aparência de uma identidade estável. Essa concepção rompe com a visão tradicional de gênero como uma categoria fixa, abrindo espaço para compreender a feminilidade e a masculinidade como construções discursivas e performáticas.

Aplicar a teoria da performatividade à figura de Cleópatra VII, última rainha do Egito Ptolemaico, permite observar como sua feminilidade foi construída e encenada como instrumento de poder político e simbólico. Cleópatra não apenas desempenhou o papel de soberana, mas o incorporou em seus gestos, aparições públicas e relações diplomáticas. Sua imagem, cuidadosamente performada, serviu para consolidar sua autoridade diante de um império dominado por valores masculinos e por estruturas de dominação romana.

Sob essa perspectiva, o corpo de Cleópatra não é apenas um espaço biológico, mas um campo de significados e estratégias. A rainha compreendia o poder simbólico da estética e do corpo feminino como forma de persuasão e resistência. Ao adotar posturas que alternavam entre a sedução, a diplomacia e a divindade, Cleópatra transformou sua presença em performance política. Assim, o corpo torna-se simultaneamente instrumento e mensagem, articulando beleza, inteligência e poder.

A performatividade de Cleópatra reflete também a interseção entre cultura e identidade. Sua representação como deusa Ísis, por exemplo, reforça o caráter performático de sua soberania: ao se identificar com uma divindade, ela legitima seu poder no imaginário coletivo egípcio e desafia a lógica patriarcal do domínio romano. A fusão entre o mito e a

política, entre o sagrado e o corporal, constitui um ato performativo de resistência e de autoafirmação.

Sob a ótica de Butler, Cleópatra encarna uma performatividade que ultrapassa o limite do gênero para adentrar o campo da subversão cultural. Ao reinterpretar os papéis femininos disponíveis em seu contexto histórico, ela não apenas desempenha o feminino, mas o redefine. Sua feminilidade não é uma essência, mas uma prática discursiva que tensiona as fronteiras entre o natural e o construído, entre o poder e a vulnerabilidade. Dessa forma, a figura da rainha egípcia revela a potência política do corpo performativo.

Conclui-se, portanto, que a teoria da performatividade de gênero oferece uma lente interpretativa fecunda para compreender Cleópatra VII como um ícone de resistência e transformação simbólica. Sua feminilidade, longe de ser um atributo natural, é resultado de uma série de performances que articulam poder, cultura e identidade. O corpo da rainha, nesse sentido, é o palco onde se encena a luta entre dominação e autonomia, entre o império e a subjetividade feminina. Assim, Cleópatra emerge como um símbolo atemporal de performatividade política e cultural, cuja imagem continua a provocar reflexões sobre o papel do corpo e do gênero na construção do poder.

CAPÍTULO 3 – CORPO, ARTE E ESPORTE: A CONTINUIDADE DA INSPIRAÇÃO

A influência de Cleópatra no campo das artes e do esporte contemporâneo evidencia a continuidade da simbologia de seu corpo. Performances corporais, danças, coreografias e práticas esportivas inspiradas na estética da rainha demonstram como o corpo feminino pode ser veículo de expressão artística e política (SANT'ANNA, 1995; LE BRETON, 2010).

O corpo da rainha do Nilo é reinterpretado em movimentos, posturas e gestos que remetem ao equilíbrio, à harmonia e à força, elementos que dialogam com a construção do corpo atlético e da estética contemporânea. Essa apropriação cultural evidencia que a corporeidade feminina permanece como campo de disputa simbólica, reafirmando Cleópatra como arquétipo da feminilidade poderosa e criativa.

CAPÍTULO 4 – FEMINILIDADE, PODER E EXPRESSÃO CULTURAL

A rainha do Nilo representa a complexidade da feminilidade como espaço de poder e agência cultural. Seu corpo, estudado à luz da história e da teoria crítica, revela-se instrumento de comunicação estética, política e simbólica. Bourdieu (1999) destaca que o corpo é lugar de inscrição das relações de dominação, sendo o habitus uma mediação entre estrutura social e práticas corporais.

No caso de Cleópatra, a corporeidade atua como estratégia de afirmação da autoridade, unindo elementos de beleza, inteligência e liderança. Essa perspectiva demonstra que a análise do corpo feminino vai além da estética visual, incorporando dimensões socioculturais, ideológicas e performativas que atravessam os séculos.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES SOBRE O CORPO COMO TERRITÓRIO DE EXPRESSÃO

O estudo da estética corporal de Cleópatra VII evidencia que o corpo feminino pode funcionar como território de expressão estética, política e cultural. A rainha do Nilo permanece como símbolo de feminilidade ativa, inspirando tanto a arte quanto o esporte, reafirmando a importância do corpo como veículo de significado e resistência. A compreensão da corporeidade de Cleópatra permite analisar como o feminino, historicamente sujeito de representações e disputas, pode ser reinterpretado como agente de poder e cultura.

Portanto, a rainha do Nilo não é apenas um ícone histórico, mas um arquétipo que atravessa séculos, articulando estética, política e movimento. A análise interdisciplinar de sua corporeidade contribui para compreender a relação entre corpo, cultura e poder no contexto histórico e contemporâneo.

A Estética Corporal de Cleópatra VII: Corpo, Política e Cultura:

O estudo da estética corporal de Cleópatra VII permite compreender o corpo feminino como um território de expressão múltipla, em que a dimensão estética se articula com o poder político e a identidade cultural. A última rainha do Egito Ptolemaico soube utilizar sua imagem de forma estratégica, transformando o corpo em linguagem de

autoridade, resistência e soberania. Nesse sentido, Cleópatra transcende a concepção de beleza como atributo passivo, convertendo-a em instrumento ativo de poder.

A estética de Cleópatra não se restringia ao embelezamento, mas constituía um discurso visual de legitimidade. Ao cuidar minuciosamente de sua aparência, adornos, vestimentas e gestos, a rainha criava uma narrativa visual que reforçava sua posição como líder e deusa. O corpo, portanto, tornava-se um texto político que comunicava autoridade e diferenciação em um contexto dominado por estruturas masculinas de governo e guerra. Essa estética política permitiu que Cleópatra desafiasse as convenções patriarcais e afirmasse sua soberania tanto perante o Egito quanto frente a Roma.

Sob uma perspectiva cultural, o corpo de Cleópatra era também um espaço simbólico de intersecção entre o Egito e o mundo helenístico. Sua imagem reunia elementos da tradição faraônica, da cultura grega e da diplomacia romana, refletindo uma síntese de identidades. Essa multiplicidade cultural reforçava seu papel como mediadora entre mundos, ao mesmo tempo em que projetava a figura da mulher como protagonista de processos civilizatórios. O corpo, nesse caso, não era apenas o suporte da identidade, mas o palco onde se encenava a própria história política do Mediterrâneo Antigo.

Ao utilizar sua estética corporal como instrumento de poder, Cleópatra subverteu as formas tradicionais de gestão masculina. Enquanto os imperadores romanos impunham autoridade pela força militar, a rainha egípcia articulava o poder pela presença, pela palavra e pelo simbolismo do corpo. Essa inversão revela uma nova forma de governar, baseada não na dominação física, mas na sedução política e intelectual. Cleópatra compreendeu que o corpo podia ser um dispositivo de governo, um meio de influência e um campo de expressão cultural capaz de desafiar o patriarcado imperial.

A estética corporal de Cleópatra, portanto, deve ser entendida como um ato de resistência simbólica. Seu corpo representava a nação, a fertilidade, o sagrado e a continuidade dinástica. Ao mesmo tempo, sua imagem despertava fascínio e temor nos homens de poder de Roma, que viam nela não apenas uma mulher, mas uma soberana que desafiava a lógica masculina da política. Assim, o corpo feminino torna-se território de

autonomia e de emancipação, superando as formas tradicionais de gestão e imposição dos homens.

Conclui-se que o estudo da estética corporal de Cleópatra VII evidencia como o corpo feminino pode funcionar como território de expressão estética, política e cultural. Sua trajetória demonstra que a beleza, longe de ser mero atributo decorativo, constitui um recurso de poder e de resistência. Ao construir uma estética própria, Cleópatra não apenas governou um império, mas também redefiniu os limites entre gênero, corpo e poder, inaugurando uma forma de gestão simbólica e performativa capaz de superar as estruturas masculinas tradicionais.

Enfim, A figura de Cleópatra VII, última rainha da dinastia ptolemaica do Egito, transcende os limites da história para se consolidar no campo do mito e da imaginação coletiva. Mais do que uma personagem política, Cleópatra tornou-se um arquétipo simbólico da mulher que desafia as estruturas de poder e os discursos patriarcais. Sua imagem foi reelaborada ao longo dos séculos, adaptando-se às sensibilidades estéticas, ideológicas e culturais de cada época, tornando-se um espelho no qual a sociedade projeta seus próprios desejos, temores e fantasias.

O mito de Cleópatra é resultado de uma complexa interação entre realidade histórica e construção imaginária. Fontes antigas, como Plutarco e Dião Cássio, contribuíram para moldar uma narrativa ambígua, ora exaltando sua inteligência e carisma político, ora reduzindo-a à figura sedutora que subjuga os homens poderosos de Roma. Essa dualidade entre a rainha estrategista e a femme fatale ecoa nas produções literárias, artísticas e cinematográficas modernas, que continuam a reconfigurar sua imagem segundo as percepções culturais do feminino e do poder.

No imaginário ocidental, Cleópatra tornou-se uma metáfora da alteridade oriental e da tensão entre civilização e desejo. Sua presença na literatura e nas artes — de Shakespeare a Hollywood — evidencia como o mito ultrapassa os fatos, transformando-se em linguagem simbólica. Conforme argumenta Mircea Eliade (1992), o mito não é apenas um relato do passado, mas um modo de significar o presente. Assim, a figura de Cleópatra

é constantemente reinventada, representando tanto a mulher emancipada quanto a mulher temida por sua autonomia.

A imaginação, nesse sentido, atua como mediadora entre a história e o mito. Gaston Bachelard (1988) define a imaginação como “a faculdade de deformar as imagens oferecidas pela percepção”, e é precisamente essa deformação criativa que permite a Cleópatra existir em múltiplas camadas de significação — rainha, deusa, amante, inimiga e símbolo de resistência. Seu corpo, sua estética e seu destino trágico foram convertidos em linguagem cultural, revelando o poder da imaginação como força de permanência simbólica.

Assim, o mito de Cleópatra VII não se limita a uma biografia antiga, mas se estende como uma construção contínua da imaginação humana. Reflete a maneira como a cultura ocidental compreende o poder feminino, o exotismo e a alteridade. Ao revisitar sua imagem, não se busca apenas a mulher histórica, mas também a projeção arquetípica de uma força que resiste ao esquecimento e às tentativas de domesticação simbólica. Cleópatra permanece, portanto, como uma figura mitopoética: viva no imaginário e plural em seus significados.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Claudia de Lima. Gênero, performatividade e cultura: leituras contemporâneas. Revista Estudos Feministas, v. 12, n. 3, 2004.

- CRIPPA, Adolpho. Humanismo e Cultura. São Paulo: Paulus, 2001.
- DIÃO CÁSSIO. História Romana. Trad. Loeb Classical Library. Londres: Harvard University Press, 1927.
- ECO, Umberto. História da Beleza. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GOMBRICH, Ernst H. A história da arte. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- LE BRETON, David. A sociologia do corpo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LOPES, Denize. Cleópatra e o corpo político: gênero, poder e representação no Egito Ptolemaico. São Paulo: Annablume, 2019.
- MIRANDA, Nádia. Corpo, poder e política: a estética feminina na história. Revista de Estudos Culturais, v. 8, n. 2, 2020.
- MORIN, Edgar. O espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- PLUTARCO. Vidas paralelas: Antônio e Cleópatra. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.